



**NIEP
MARX**

Núcleo Interdisciplinar de Estudos e
Pesquisas sobre Marx e o Marxismo

Marx e o Marxismo 2013: Marx hoje, 130 anos depois

Universidade Federal Fluminense – Niterói – RJ – de 30/09/2013 a 04/10/2013

TÍTULO DO TRABALHO			
O zapatismo e a educação: o marxismo e o indigenismo na América Latina			
AUTOR:	INSTITUIÇÃO (POR EXTENSO)	Sigla	Vínculo
Antonio Julio de Menezes Neto	Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais	FAE/UFMG	Professor Associado
RESUMO (ATÉ 20 LINHAS)			
<p>Este artigo apresenta e discute o EZLN e a educação presente nos seus "Caracóis". Apresenta pesquisa de campo realizada em Chiapas, Sul do México, estado em que o zapatismo possui a sua maior base. Através desta pesquisa de campo, mostra a luta dos camponeses e indígenas mexicanos desde o levante zapatista e como estão se organizando nos "Caracóis" e dentro destes as suas escolas. Mostra como mantêm e constroem sua autonomia frente ao governo mexicano, seja na sua organização mais geral ou, de forma mais específica, na educação.</p>			
PALAVRAS-CHAVE (ATÉ TRÊS)			
Movimentos Sociais, Zapatismo, Marxismo na América Latina			
ABSTRACT			
<p>This article presents and discusses the EZLN and the Zapatista education in their "Snails." Presents field research in Chiapas, southern Mexico, state in which the Zapatistas has its largest base. Through this field of research, shows the struggle of peasants and indigenous Mexicans since the Zapatista uprising and how they are organized within these "Snails." Show your project as against the Mexican government.</p>			
KEYWORDS			
Social Movements, Zapatism, Marxism in Latin America			
EIXO TEMÁTICO			
Marx e a formação humana			

Introdução

O Exército Zapatista de Libertação Nacional -EZLN-, posteriormente Zapatismo, é um movimento político mexicano que tem a sua base no estado mexicano de Chiapas. Este estado abriga o movimento revolucionário por ser um dos estados mais pobres do México e que teve sua população camponesa e indígena expulsa de suas terras para dar lugar aos madeireiros, a extração de petróleo, criação de gado, hidrelétricas, etc.

Foi formado na primeira metade dos anos 1980, sob a denominação de FLN- Força de Libertação Nacional- e teve entre seus primeiros adeptos alguns indivíduos oriundos do movimento estudantil e camponeses, majoritariamente de origem indígena, que começam a travar contatos com as comunidades locais. Estas comunidades já adotavam a produção através da propriedade coletiva da terra, chamada Ejido, e tomavam decisões em assembleias comunitárias. Estas ações dos nativos influenciarão a ideologia da FLN que começará a elaborar seus novos conceitos e mudará o nome para Exército Zapatista de Libertação Nacional, em homenagem ao líder camponês mexicano do início do século passado Emiliano Zapata.

As ações do EZLN proporcionaram uma maior aproximação das comunidades camponesas. E, importante, acontece uma grande aproximação entre os camponeses e o EZLN, com os indígenas lutando na guerrilha e os guerrilheiros passando a atuar nas comunidades, criando escolas, cultivando, incentivando o lazer, etc. Esta união torna-se a grande força do EZLN.

Em 1992, o governo do México, que já adotava políticas neoliberais, decide tornar-se membro do NAFTA, um acordo de livre comércio entre os EUA, o Canadá e o México. Para tanto, tiram da Constituição uma lei que impedia a venda de terras dos Ejidos. Este fato leva grande revolta aos camponeses, tornando-se o início de um levante armado na região de Chiapas, no ano de 1994. Pretendiam, com o motim, mostrar a situação dos indígenas e dos camponeses e abrir um canal de diálogo na sociedade mexicana. Recebem apoio total das comunidades locais e acontece um verdadeiro levante armado na região.

Restabelecem as decisões comunitárias, o plantio coletivo e constituem-se em um exército armado. Instituem os municípios autônomos com elos muito forte entre eles. Em 1996 o governo firma um acordo no qual diz respeitar as decisões comunitárias (Acordo de San Andrés) e a autodeterminação dos povos indígenas. Porém, a recusa do governo em tornar estes atos Constitucionais, rompe as negociações.

No novo século, o EZLN continua com a sua política de autonomia em relação à política institucional e, inclusive demarcam esta diferença organizando novas marchas pregando a “outra política”. Defendem a anulação do voto eleitoral.

O ano de 2006 marca a Sexta Declaração da Selva Lacandona, no qual o EZLN proclama-se um movimento político e não mais um exército. Neste sentido, organiza diversas reuniões com partidos de esquerda, organizações sociais e políticas indígenas e camponesas e diversas organizações populares urbanas. Nestes debates, reorganiza a chamada “outra campanha”.

A pesquisa de campo com os professores em Chiapas

Em entrevista realizada com uma professora¹ do Centro de Investigaciones e Estudios Superiores em Antropologia, Unidade Sureste -CIESAS-², ela informou que os ejidos não plantam em comum, mas sim em propriedades familiares. Porém, decidem o destino da plantação de forma comum. Não seriam como cooperativas, pois não existiria a formalização, mas sim a tradição. Este sistema estaria espalhado por todo o México, diferenciando, assim, do modo de produção camponês brasileiro.

Explicou que depois do levante zapatista de 1994, o governo passou a financiar mais os índios e a apoiar os ejidos, buscando isolar os zapatistas. Outra problemática que os zapatistas enfrentam _tal e qual no Brasil_ são as diversas bolsas de apoio aos pobres que existem no México e que os habitantes das comunidades indígenas recebem na quase totalidade. Quase totalidade porque os zapatistas são contra estas bolsas e fazem campanha para que, pelo menos em seus Caracóis, os indígenas não aceitem. Mas é uma luta muito difícil e, conforme ouvi, muitos membros das comunidades zapatistas retiram os benefícios das bolsas.

Um problema mais sério são as organizações para-militares, como o OPDDIC ou o ORCAO. Estes grupos e organizações recrutam indígenas para áreas rurais, muitas delas sob controle zapatista e, logo, estes indígenas recebem o título de propriedade do governo.

O Sul do México, a despeito de sua enorme modernização globalizada e neoliberal, vive um mosaico no campo, ejidos zapatistas, ejidos não vinculados aos zapatistas, ejidos que aderem ao zapatismo e ejidos que se afastam do zapatismo são parte deste mosaico. O agronegócio insere-se nas terras planas enquanto os camponeses indígenas ficam nas regiões mais montanhosas.

¹ Profa. Dra. Maria Elena Torres. Conversa realizada em maio de 2011 em San Cristóbal de Las Casas, Chiapas, México,

² Este Centro abrigou-me enquanto estive em Chiapas realizando a minha pesquisa.

O poder, nas áreas zapatistas é realizado através do “bom governo”. Membros das diversas comunidades são eleitos para compor o Bom governo por um período de uma a duas semanas. Depois voltam para suas terras. Assim, instituem um poder paralelo, usando inclusive a língua nativa dos indígenas, se necessário. E, como sempre tem um rodízio, não existe o apego ao cargo e ao poder. Apesar de receberem alguma ajuda de custo neste período, não existem “militantes” ou membros do bom governo que sejam assalariados permanentes. A relação com o poder a institucionalização é rechaçada pelos zapatistas. Assim, procuram viver com seus próprios meios e não negociam com o poder institucional, ou o “mau governo”.

Desde 2005 os Zapatistas estão mais distantes dos noticiários. O último comunicado público do EZLN foi realizado em 2006. Dificultaram a entrada de estranhos nas comunidades e, assim, estão em processo de isolamento. Isto apesar de que, em 2010, realizaram manifestação em San Cristóbal. Milhares de camponeses indígenas, no dia das mães, “invadiram” a cidade pela paz. Mas foi uma manifestação isolada, considerando o isolamento em que estão.

Outra professora, da Universidade de Ciências Sociais de San Cristóbal,³ explicou que os municípios autônomos zapatistas estão vivendo em “Estado de Sítio”, mas mesmo assim resistem a receber qualquer apoio do estado mexicano. Assim, estariam passando por uma “reestruturação” interna. Existe o risco do isolamento, mas preferem este risco, neste momento, do que ceder ao Estado.

Ainda segundo a profa. Kátia Nunes⁴, o zapatismo não participa da política institucional, mas possuem um projeto político baseado nas lutas indígenas, camponesas e no mundo do trabalho. Estes seriam os pilares zapatistas. Para eles a institucionalidade concentra poderes e o poder deveria ser extensivo a todo o povo.

Um assessor da Via Campesina⁵ em San Cristóbal, diz que o Zapatismo continua muito ativo em diversas organizações da esquerda não institucional mexicana. Explica que a esquerda do México está dividida em duas alas que não se comunicam: uma ala institucional, representada pelo PRD, PCM e outros e uma ala à esquerda que nega a institucionalidade. Esta última seria representada pelo Congresso Nacional Indígena –CNI- e seria a representação mais radical de esquerda dos indígenas. Também compõem esta parte da esquerda um Coletivo de juventudes, com forte presença de anarco/zapatistas (apesar dos zapatistas não serem anarquistas) e pequenos partidos, como o Partido Comunista do México. A debilidade desta esquerda seria sua pouca representatividade no movimento sindical mexicano.

³ Professora Kátia Nunes. Conversa realizada em junho de 2011, em Chiapas, México.

⁴ Ibidem

⁵ Peter Rosset. Conversa realizada em junho de 2011 em San Cristóbal.

Esta esquerda não institucionalizada estria atuando em torno da “Outra Campanha” proposta pelos zapatistas. Durante seis meses, o subcomandante Marcos percorreu o país pregando a “Outra Campanha” e fazendo contatos políticos. Posteriormente saiu outra delegação de Zapatistas, percorrendo o México de Norte a Sul do país, fazendo contatos mínimos com resistências locais e populares não partidários.

Apesar de existir uma lei federal, a Lei de Pacificações, que reconhece os territórios autônomos zapatistas, reconhece o direito de uso de armas para sua defesa e permite aos zapatistas o direito de fazer proselitismo político sem armas, esta delegação sofreu forte repressão por parte dos paramilitares e pelo exército. Chegaram a deter o líder Zapatista Marcos e, assim, a marcha da Terceira Delegação foi suspensa.

Ainda segundo Peeter Rosset⁶, os municípios autônomos zapatistas seriam o “núcleo duro” do zapatismo e neste sentido seriam mais fechados. Mas o ideal zapatista estaria espalhado em diversas comunidades e municípios, que adotariam uma posição mais leve em relação ao zapatismo. Por exemplo, estes últimos não teriam objeção ao recebimento das diversas bolsas que o governo distribui aos pobres. Mas ficam mais vulneráveis aos apelos dos paramilitares e do governo, que tentam isolar o zapatismo ao “núcleo duro”.

As visitas e a pesquisa de campo nos Caracóis Zapatistas

a) O Caracol Oventic

No dia 28 de maio de 2011 me dirigi ao Caracol Zapatista de Oventic. Localiza-se a cerca de uma hora da San Cristóbal. Fomos de táxi⁷ e no caminho o motorista, um indígena mexicano que havia morado dois anos nos EUA mas não falava inglês, foi nos dizendo que depois do levante do subcomandante Marcos os indígenas haviam adquirido muito mais direitos em Chiapas.

Em uma estrada asfaltada e com muitas curvas, caminho para Oventic, vê-se, mais uma vez, a pobreza do estado de Chiapas. Com muitas paisagens de montanhas e selvas, onde possivelmente encontra-se o Exército Zapatista e o subcomandante Marcos, a beira da estrada mostra casebres de madeira, onde quase sempre avista-se, também, mulheres indígenas, e pequenos e pobres comércios, com geladeira da Coca-Cola e homens no balcão. Muito lenha amontoada nas frentes dos barracões, mostrava que a comida é feita em fogões de lenha.

⁶ Ibidem

⁷ Estava acompanhado pela profa. Inês Teixeira, da FAE/UFMG, que realizava seu pós-doutoramento no México e por Marcos Teixeira, psicólogo, que morava na França e visitava os Caracóis.

Em determinado momento, uma placa no caminho dizia que estávamos entrando em município autônomo zapatista. Era Oventic. Serpenteamos pela estrada de asfalto cerca de dez quilômetros e, neste caminho, a paisagem humana não mudava. Em território Zapatista os barracões e a pobreza eram os mesmos.

Até que, na beira da estrada, encontramos alguns painéis coloridos e um portão de ferro. Descemos ali, naquele ponto e encontramos uma senhora com o rosto coberto com um gorro preto de esquiador⁸, próprio do EZLN, fazendo guarda do lado de dentro do portão. Fomos conversar com ela, dizendo que queríamos conhecer o caracol. Ela, sem maiores conversas, mandou-nos esperar. Depois de um tempo, vieram dois homens, também com o rosto todo coberto com os gorros pretos e colheram diversos dados nossos. Pediram nossos passaportes e voltaram para dentro. Possivelmente foram consultar a junta de Bom Governo ou a Vigilância. Ou ambos.

Depois de um tempo, voltaram e disseram que estava liberada a nossa entrada. Abriram um pequeno portão ao lado e adentramos no centro administrativo e comercial de Oventic.

De cara, nos deparamos com um armazém, que vendia diversos produtos, industrializados ou não. Diversos produtos zapatistas também são vendidos, além de ser um pequeno “comedor”, além de vender diversos DVDs “piratas” e políticos. Foi interessante observar que, do lado de fora do armazém, um painel pintado com a frase Che Guevara estava acima de diversos engradados de Coca-Cola, mostrando a força da bebida multinacional.

Esperava-nos uma moça de lenço no rosto, que iria nos acompanhar. De início não quis dizer o seu nome, mas depois disse ser Carla. Possivelmente não era seu nome real. Disse que poderíamos ver o Caracol, tirar fotos dos painéis, que são muitos e coloridos, mas não poderíamos tirar fotos de pessoas e das montanhas. Logicamente, compreendemos, pois o rosto das pessoas necessitam ser resguardados e, nas montanhas, age o exército zapatista. No mais, praticamente não nos dirigiu a palavra e se recusava a responder perguntas triviais.

Pedimos para conversar na Junta de bom Governo e ela mandou-nos aguardar na porta do barracão onde funciona a Junta. Era um barracão de madeira, muito simples, comprido, sem janelas à vista e com a porta fechada. Ao lado, três camionetes Nissan, em ótimo estado, estavam paradas. Na frente, outra camionete Toyota. Ao longo da comunidade, haviam outras camionetes novas. Depois de muito tempo, um senhor colocou a cabeça de fora da porta, coberto com o gorro, e disse que a moça ia nos acompanhar na visita. Assim, sem explicações, não fomos recebidos pela Junta.

⁸ Chamado de Pasamontanhas.

Este território Zapatista possui uma rua cimentada, descida, que começa no portão. Nesta rua pode-se observar diversos barracões de madeira, pobres, mas com lindíssimos painéis coloridos. Tradição de Diego Rivera? Possivelmente Rivera influenciou, assim como muitos outros pois o México é o país dos muralistas. Os painéis foram feitos por artistas e não pelos moradores.

Descendo a rua, fomos nos deparando com os barracões e suas pinturas. Os primeiros eram “Escritórios pela dignidade”, “Sociedade Cooperativa Artesanal de Mulheres pela Dignidade”, Loja Cooperativa de artesanatos. Nestas lojas, mulheres, sem o rosto tampado e bem mais solícitas, vendiam artesanatos possivelmente aos visitantes. Artesanatos indígenas muito parecidos com os que são vendidos nas cidades.

Na “Cooperativa de Café” já encontramos homens vendendo os seus produtos. Também havia um barracão da Vigilância, com quatro homens. Adentrei e, ao dizer “hola”, os homens cobriram o rosto na mesma hora e disseram não poder falar.

Pela beleza e colorido, os painéis são difíceis de descrever. Mulheres e homens de rosto tampado, milho estilizado e uma série de outros motivos compõem o ambiente. Havia um hospital, uma das maiores construções da comunidade, em que Che Guevara, Zapata e a Virgem de Guadalupe, com o lenço zapatista no rosto, adornavam a entrada da casa de saúde.

Ao longo da rua, pequenas casas quadradas de madeira, muito pobres, sem desenhos, mas tampadas por árvores, eram as moradias dos indígenas rebeldes. Mas embaixo, havia uma concentração de casas, do mesmo estilo. Nota-se que os moradores passam por dificuldades materiais, mas mantêm sua rebeldia.

Outro armazém vendia também diversos produtos. A Coca-Cola aparecia com destaque no freezer da entrada do comércio. Também uma imagem, em pano da Virgem da Guadalupe, destacava. Numa mesa, cerca de seis homens com chapéu de vaqueiro do Texas, conversavam algum “assunto sério”.

Dentro da comunidade cercada existe a escola secundária. Como era sábado, não havia aulas. Os alunos que terminam a escola secundária tornam-se promotores, ou seja, professores autônomos. Lecionam de forma bilíngüe nas escolas autônomas Zapatistas. Infelizmente, não nos foi permitido aproximar da escola, sem nenhuma explicação.

Ao sairmos, a profa. Inês ofereceu, de presente, uma camiseta da “Marcha Mundial das Mulheres” para Carla. Apesar de sua expressão de desejo, ela recusou. Saímos. Atravessamos a rodovia e do

outro lado uma Farmácia autônoma para os pobres. O “farmacêutico” ouvia uma rádio zapatista. Ao lado, outros painéis e mais uma Clínica “Guadalupe”.

Também deste lado destacava-se a escola primária. Na casa, de alvenaria, um belo desenho do rosto de uma mulher tomando todo o lado da parede. Em cima os dizeres “Escola Autônoma Rebelde Primária”. Ao lado, uma quadra de basquete. A escola, por ser sábado, encontrava-se fechada. Mas pela janela, observava-se ser muito pobre e um pouco “deixada”.

No dia 31 de maio fiz nova tentativa de conhecer as escolas de Oventic. A mesma estrada serpenteada e pobre e os mesmos problemas para adentrar no caracol. Novamente pedi permissão para a mulher de rosto tampado na porta que foi chamar dois homens de pasamontanhas, que me fizeram perguntas e anotaram, pediram meu passaporte e foram para dentro em busca de alguma autorização.

Como eu havia explicado que era professor no Brasil, que fazia pesquisas sobre escolas do campo e, especificamente do MST, achei que não teria problemas para conhecer as escolas do caracol. Mas nada disso adiantou. Os dois homens de pasamontanhas retornaram e disseram que eu poderia adentrar, conhecer o caracol, mas não poderia aproximar da escola. Tentei argumentar que tinha vindo do Brasil para conhecer estas escolas, que era simpatizante do zapatismo, mas os homens somente diziam que “sentiam muito”, porém nada poderia fazer. Vi que não adiantaria argumentar, pois existe, não sem motivos, uma forte hierarquia e segurança nos Caracóis.

Como seria o mesmo trajeto, sem possibilidades de diálogo, não quis adentrar. Preferi tentar conversar com algumas pessoas de Oventic que ficam do lado de fora desta parte administrativa. Caminhei na rodovia e encontrei as mesmas casas de madeira muito pobres, pequenos e pobres comércios com freezer da Coca-Cola. Mas adiante, avistava-se um povoado com casas maiores. Perguntei a uma mulher, que vinha na estrada carregando seu filho no chale⁹, se ali ainda era Oventic e ela disse-me que não.

Retornei para frente do portão, do outro lado da rodovia, onde existe um ponto de transporte e um comércio com desenhos zapatistas e fiquei observando. Um caminhão da Coca-Cola parou e não teve dificuldades para abastecer o comércio interno ao Caracol. Do meu lado, quatro mulheres indígenas, muito pobres, estavam sentadas no chão e comendo tortilhas. Possivelmente esperavam o caminhão que as levaria em pé na carroceria. Neste momento, passou um táxi coletivo e eu voltei para San Cristóbal.

⁹ Pano que as mulheres colocam entre o pescoço e o peito e serve para carregar crianças.

B) O Caracol Morelia

O segundo município autônomo que conheci foi Morelia. Mais distante do que o Oventic apresenta um estilo mais rústico, mais rural e mais agradável, pois é cercado de montanhas.

Para chegar ao caracol, necessitei de uma caminhada por estradas asfaltadas, por cidades e povoados. Primeiramente, tomei uma Van, com muitas pessoas. A Van tomou uma estrada asfaltada, com muitas curvas e o cenário era o mesmo de Oventic: casebres de madeira, habitados por indígenas e pequenos e pobres comércios ladeando a estrada tendo ao fundo belas e arborizadas montanhas. A pobreza de Chiapas transparece.

A Van, depois de 1 hora e 40 minutos, deixou-me na estrada. Ali tive de tomar outro transporte. Era uma velha camionete Nissan, cabine dupla. Na parte aberta, traseira havia um “pau de arara”, onde amontoavam-se diversos índios e índias. Na parte da cabine, onde fui, também era um espaço sem conforto, já que cheio. Caminhamos por cerca de 40 minutos, com a camionete parando para que pessoas subissem ou descesse. Perto de uma escola, na beira da estrada, muitas crianças escolares subiram na parte de trás.

Em seguida, chegamos a Altamirando, um pequeno e pobre município. Antes da entrada da cidade, notei a presença do exército em ambos os lados da estrada, com soldados armados. Depois vi que havia uma Unidade do Exército mexicano, possivelmente devido à presença zapatista. Em Altamirando, procurei outro transporte e, novamente, encontrei muitas camionetes Nissan iguais as que eu havia tomado. Uma delas iria ao Ejido Morélia e ao Caracol. Esperei muito tempo, para que a camionete ficasse cheia. Estrada de terra, moradores do Ejido e do Caracol logo encheram a traseira e a cabine da camionete e mais trinta minutos de estrada de terra levou-me ao Caracol.

Antes passamos no Ejido. O mesmo cenário de pobreza e casebres. Mas em uma construção, que pareceu-me abandonada, vi um desenho de um soldado zapatista, rosto coberto, e as inscrições: EZLN. Logo à frente estava o caracol. Um grande desenho de Zapata, o revolucionário, e os escritos “Tierra e Libertad” estavam ao lado do portão de ferro que isolava o centro do Caracol.

Do lado de dentro do portão, duas mulheres com roupas indígenas e sem as máscaras que todos usavam em Oventic. Expliquei que era professor brasileiro e que desejava conhecer o Caracol. Ela buscou um formulário e começou a fazer perguntas num espanhol popular e próprio das comunidades que falam também as línguas indígenas. O espanhol é a segunda língua destes povos que só vão aprendê-lo nas escolas bilíngües. Depois de muita dificuldade de comunicação, uma delas foi para dentro e voltou dizendo que eu poderia adentrar, mas antes teria de conversar com a “Junta de Bom Governo”.

Na porta da Junta, onde tive de aguardar, encontrei a mesma pessoa que eu havia conversado no Enlace Civil¹⁰. Conversamos durante meia hora sobre a política brasileira, mexicana, o MST e o zapatismo, até que ele saiu para uma reunião e eu continuei esperando. Foi um momento muito interessante, pois vi como funciona a Junta. Diversas pessoas levam suas demandas, seus problemas e outros assuntos para debater com a Junta. Ali, debate-se e decide-se de forma democrática. Assim, as pessoas esperavam no mesmo lugar que eu também esperava e eram chamadas quando terminava uma “audiência”. Aí, outra pessoa era chamada e eu ouvia muitas conversas vindas lá de dentro. Usava-se tanto o espanhol quanto as línguas nativas, de acordo com o desejo das pessoas, já que alguns, principalmente os mais velhos, não dominam bem o espanhol. E este é um dos muitos problemas que os indígenas enfrentam quando necessitam do “Mau governo”, ou seja, o governo institucional.

Até que fui chamado pela Junta. Fui o último. Duas mesas encontravam-se à minha frente e ao meu lado. No total haviam três homens e três mulheres. Uma das mulheres fazia anotações da conversa em um computador. Começaram perguntando-me o que eu queria no Caracol e eu respondi que era professor universitário no Brasil e que estava lá para conhecer os Caracóis e as escolas Zapatistas. A dificuldade de diálogo era visível, pois eu tentava me expressar em espanhol, mas possivelmente num espanhol mais acadêmico do que o que eles usavam em seus diálogos.

Devo dizer que eles buscavam conversar e até riam muito da nossa dificuldade de diálogo. Perguntaram-me se eu pertencia a algum movimento político brasileiro e, por mais que eu explicasse que o meu motivo era uma pesquisa acadêmica, isto não ficava claro para a Junta. Desconheciam todos os movimentos políticos do Brasil, inclusive o MST. A moça continuava a escrever, no computador, nossa tentativa de diálogo. Fiz perguntas acerca da educação no Caracol e eles responderam que ali dentro não existia escola e que os alunos freqüentavam a escola do Ejido, do lado de fora do portão. Perguntei quem era responsável pela escola e eles disseram que naquele dia não estava tendo aulas. Por fim me liberaram e eu pude caminhar pelo Caracol.

Vi, ao longe, o assessor do Enlace debatendo e escrevendo em um quadro diversas coisas para um grupo. Por respeito, pois sei da segurança que eles são obrigados a se submeter, não me aproximei. Porém, conversei com diversos “zapatistas”. Todos muito simples, camponeses, mestiços, muito diferente das figuras “revolucionárias” que nos vem a mente quando pensamos nos Zapatistas. Debaixo de uma árvore, diversos homens tomavam café em roda, descansando e conversando coisas triviais da rotina do trabalho. Aproximei-me de um homem e perguntei pelo zapatismo. Ele contou-me das dificuldades e das plantações “sem agrotóxicos” que faziam na comunidade.

¹⁰ Enlace Civil é uma organização de apoio ao Zapatismo. Possui sua sede em San Cristóbal e recebe ajuda vindas de diversos movimentos de diversos países. Antes de ir nos Caracóis visitei o Enlace e conversei com alguns assessores.

Indagou-me sobre o que eu fazia e eu disse que era professor e pesquisador e que pesquisava muito os movimentos sociais do campo, principalmente o MST, no Brasil. Ele pareceu conhecer o MST e perguntou-me se era parecido com o Zapatismo. Tentei explicar as semelhanças e dessemelhanças. Em outro grupo, elogiei o Caracol pela abundância de verde e eles agradeceram, mas não quiseram conversar mais.

Tive liberdade de andar pelo Caracol e tirar fotos. Respeitei a privacidade de não tirar fotos das pessoas. Vi os banheiros coletivos de madeira, muito pobres, um grande auditório, a fábrica de sapatos, sandálias e botas, que eles fabricam e vendem nas cidades. Observei que, naquele momento, estavam fechadas todas as unidades produtivas dentro do Caracol. E também estava fechada uma pequena creche que funciona dentro Caracol. Mas os painéis continuavam lá, belos e representativos das lutas camponesas e indígenas.

Vendo que minha tarefa estava “esgotada”, saí e fui esperar as Vans que me levariam de volta. Fui para a estrada cercada pelas casas pobres do Ejido. Perguntei onde pegaria a Van e um grupo de jovens indicou-me um local na estrada poeirenta e quente. Depois de muito tempo esperando, veio o retorno nas mesmas camionetes cheias e inseguras.

Fui até Altamirando e enfrentei longa fila de pessoas, quase todas indígenas, esperando transporte. As pessoas, inclusive muitas crianças com uniforme escolar, subiam apressadamente, para garantir lugar em pé, nas traseiras das camionetes. Fui novamente na cabine, dividindo o banco com muitas outras pessoas.

Na estrada, deparei-me com muitos soldados do exército, parando carros e camionetes e pedindo documentos. Não pararam a camionete em que eu estava. Assim, adentrei novamente estrada curvas e de terra em camionete lotadas e sem nenhuma segurança. Ao longo da viagem, os passageiros da traseira batiam as mão no teto da camionete para parar. Desciam muitos e subiam muitos. Em frente a uma escola “bilíngüe” desceram muitas crianças.

A Van deixou-me numa estrada asfaltada, debaixo de chuva. Tinha de pegar nova condução ali. Encaminhei-me para um restaurante, que tinha um inconfundível desenho Zapatista. Tomei um refrigerante e fiquei esperando muito tempo. Quando já anoitecia, uma camionete lotada parou e eu entrei na cabine. Na parte de trás subiram muitas índias carregando crianças no chulé ou na barriga. Deixou-me em outra cidade, que não sei o nome e imediatamente tomei outra Van para San Cristóbal. Cheguei já bem tarde da noite, com as imagens em minha máquina fotográfica e um diário de campo.

A Educação Indígena

Um sério problema que aflige a população indígena é a pobreza. De acordo com Bruno Barronet¹¹, 84% dos índios mexicanos vivem abaixo da linha da pobreza. Neste cenário, as escolas indígenas não seriam prioridade. As aulas são oferecidas em castelhano quando a maioria das crianças indígenas fala suas línguas próprias. No caso de Chiapas, seria a língua Tzotui. As professoras não indígenas, a grande maioria, sequer falam a língua das crianças. As crianças, que pouco falam castelhano, apresentam grandes dificuldades na escola.

Para Bruno Baronnet¹², soma-se a isto o fato de que os indígenas são considerados menos aptos para atividades intelectuais (E eles próprios acabam acreditando, Bourdieu) as escolas são muito fracas e as crianças necessitam trabalhar para montar o quadro da educação indígena na região. Assim, os indígenas seriam vítimas do racismo de classe, já que são os mais pobres e mais explorados, de etnia, pelo fato de serem índios e de gênero, já que a sociedade é machista. Existiria uma desindustrialização e uma descampesinação no México.

Ainda segundo Bruno Baronnet¹³, as escolas legitimam estas discriminações, oferecendo escolas de pobres para pobres e que, além disso, discriminam todos os conhecimentos advindos das práticas indígenas. Portanto existiria um racismo institucional para eliminar a cultura indígena.

É importante salientar que, de acordo com Antonio Saldivar¹⁴, da ECOSUR, 85,9% das crianças indígenas frequentam escolas e 42% recebem apoio (tipo bolsa escola no Brasil). A educação bilíngüe cresce mas, mesmo assim, as culturas indígenas estão se desmantelando com uma rapidez surpreendente e a pobreza material crescendo.

Também, para ele, as professoras não estão preparadas para esta educação multicultural, as práticas indígenas são desvalorizadas e existe uma desvinculação total entre os conteúdos ensinados nas escolas e o ambiente sócio-cultural, produtivo e ambiental vivido pelas comunidades indígenas.

Ao lado destes problemas, salienta o prof. Edgard¹⁵, existe uma cultura de racismo no México para com os indígenas. Para Edgard, desde os anos 2000, existiria maior apoio para as escolas indígenas e bilíngües. Este fato seria motivado pelas revoltas sociais zapatistas dos anos 90 que motivou o governo a investir em mais políticas sociais para os indígenas como uma forma de conter as insatisfações sociais. Desta forma, houve um incremento do número de estudantes indígenas

¹¹ Professor na Unam, em palestra proferida em San Cristóbal, em maio de 2011, no Seminário -----, no qual participei como assistente..

¹² Ibidem

¹³ Ibidem

¹⁴ Palestra proferida no Seminário citado.

¹⁵ Intervenção no Seminário citado.

inclusive nas universidades, considerando que os filhos das classes médias ou ricas vão estudar na Cidade do México ou mesmo nos Estados Unidos.

A Educação Zapatista

De acordo com Bruno Baronnet¹⁶, as escolas zapatistas funcionam devido ao grau de legitimidade que alcançaram junto às comunidades zapatistas. Assim, a própria comunidade se interessa em manter a escola em funcionamento. É uma escola que tem grande participação de pais, mães e anciãos.

As decisões são tomadas em Assembléias gerais que teria poder, inclusive, para destituir os promotores (professores). Assim, a escola cria uma visão política própria de participação. Segundo ele, as escolas são mantidas pelo trabalho coletivo dos municípios autônomos zapatistas, não existindo recursos dos governos.

Segundo ele, pode existir o risco do isolamento, mas os zapatistas querem formar pessoas para trabalhar nos próprios municípios zapatistas e, assim, isto não seria um problema. Usando a simbologia do caracol, os zapatistas dizem que construirão uma outra política de modo mais lento, mas construirão por eles mesmos. Este posicionamento político pode trazer alguns problemas com os jovens que desejam sair dos Caracóis Zapatistas.

Bruno¹⁷ também salienta que, em relação às escolas oficiais, as escolas zapatistas não apresentam grandes diferenças. A escola continua sendo escola e não é questionada em si. Salienta que diversos promotores têm consciência da reprodução escolar.

A profa. Kátia¹⁸ diz que a grande reivindicação dos zapatistas é pela autonomia, inclusive nas escolas. Diz que as escolas zapatistas não certificam os alunos, pois a preocupação principal dos municípios autônomos zapatistas, em relação à escola, seria formar promotores para trabalharem nas áreas de saúde, educação, agroecologia ou de qualquer demanda dos caracóis. Neste caso, não ligariam para a certificação oficial. Principalmente porque consideram que a escola oficial despreza a educação e o trabalho camponês. Para ela, este fato pode trazer algum descontentamento entre os estudantes, mas não entre os jovens mais comprometidos.

Quanto ao financiamento, diz que as escolas recebem algum apoio de outras entidades e movimentos mexicanos ou estrangeiros. Mas que são, basicamente, mantidas com o apoio da

¹⁶ Entrevista realizada com o professor durante o Seminário citado.

¹⁷ Ibidem

¹⁸ Professora Kátia Nunes. Conversa realizada em junho de 2011, em Chiapas, México

própria comunidade. Os próprios promotores de educação articulam com as diversas comunidades autônomas os projetos para a educação.

Estes promotores são formados nas escolas zapatistas. Alguns já nasceram nos caracóis. Não recebem salário, mas produtos, como alimentos, produzidos nos municípios. Para ela, os promotores possuem histórias de vida e compromisso diferentes e, assim, as aulas também seriam diferentes conforme o promotor. Diz o zapatismo não possui um currículo escolar próprio e que muitos promotores reproduzem as aulas e os currículos oficiais, até com certo autoritarismo. Outros são criativos, usando fábulas e músicas para que os alunos aprendam, por exemplo, o espanhol. Ou discutem o papel das mulheres ou dos anarquistas na Revolução Mexicana. Assim, existiria uma dependência pessoal do compromisso ou olhar do promotor na condução das aulas. Os promotores também elaboram, ou escolhem, o material didático, que tanto pode ser livro como material construído no dia-a-dia. Também podem participar da Junta do Bom Governo.

Ainda de acordo com a profa. Kátia¹⁹, os promotores são muito cobrados para desenvolver a autonomia deles e dos alunos. Dizem que deve prática diária, pois autonomia também se aprende no dia-a-dia. Também são cobrados para formar jovens que saibam defender os seus direitos. Um facilitador para os promotores seriam as reuniões periódicas que realizam. Nestas reuniões trocam experiências e dificuldades.

BARONNET (2010) diz que os municípios autônomos optaram por uma educação que atenda aos seus interesses e sua cultura, rompendo, em grande medida, com a política e a cultura escolar dominantes, ao mesmo tempo em que reconhece que esta autodeterminação é cercada de desafios. Diz que a maior parte das famílias maias de Chiapas já possuía uma cultura de participação política, decididas em assembléias que se reúnem em diversos espaços formais ou informais e com rodízios de cargos e participação comunitária. Assim, na Selva Tseltal, onde se localiza o Caracol Garrucha, por exemplo, existem cerca de 120 escolas autônomas, com cerca de 4000 alunos e 120 promotores (professores) e estas escolas possuem nomes de revolucionários mexicanos.

Para o funcionamento das escolas a participação das famílias torna-se essencial, tanto no apoio material como nas decisões coletivas. Esta questão é bastante debatida entre os promotores e as famílias, em que ambos discutem responsabilidades. Observa BARONNET (2010) que a participação das mulheres é grande nas reuniões educativas, reproduzindo a divisão de gênero da sociedade patriarcal, apesar dos cuidados com esta questão por parte dos zapatistas. Do mesmo modo, existe alguma monopolização, nas assembléias, por parte daqueles que possuem maior habilidade de oratória.

¹⁹ Ibidem

O Conselho Municipal autônomos dos Caracóis garantiria que as decisões tomadas em Assembléia no que diz respeito à educação e esta Assembléia teria poder de orientação e decisão. A Assembléia seria composta por pais, mães, anciãos e jovens e, em diversas ocasiões, os alunos são chamados a participar. Assim, conforme BARONNET (2010, p. 250):

...comitês de educação (dos pais) para os três níveis na escola “Emiliano Zapata” do município Arroyo Granizo, se responsabilizam por manter diariamente a infra-estrutura da escola, a disciplina dos alunos e a vigilância do cumprimento por parte dos três educadores. Convocam e dirigem assembléias para assuntos educativos. Também se encarregam de buscar potenciais candidatos a promotores para substituir a um promotor que queira renunciar, apesar de muitas vezes conversarem com o objetivo de dar ânimo a estes promotores a continuar no cargo²⁰.

Estas reuniões e assembléias acontecem de forma quase rotineira para os membros dos municípios autônomos. Saliente-se que as decisões acontecem nos aspectos administrativos e pedagógicos e os pais devem se responsabilizar, inclusive, em arrumar alojamento para os professores. Mas as decisões finais é fruto de muitas discussões que, de acordo com BARONNET (2010, p. 250):

Ao contrário das aldeias não-zapatistas, onde o cotidiano educativo está imposto pela lógica centralizada, as reuniões nos municípios autônomos são instâncias de decisões e de legitimação de acordos legitimados pela consulta popular sistemática. As práticas deliberativas são legitimadas pelas ações que a teologia da libertação índia já havia fortalecido durante décadas passadas. Como outros princípios democráticos de participação dos povos zapatistas, o processo de consulta parece derivar, em parte, da apropriação dos modos de organização sociopolítico das comunidades de Cañadas que promovem a pastoral dominicana de Ocosingo.²¹

BARONNET (2010) salienta a importância da tradição oral, as práticas próximas das missas e demais rituais provenientes do indianismo cristão e as discussões, as vezes acaloradas, provenientes de problemas que vem da vivência de vizinhança. Mas a força da participação distingue as comunidades zapatistas daquelas não vinculadas ao movimento trazendo esta marca e este diferencial. Assim, a educação zapatista é vista como uma arma contra o poder das oligarquias com suas práticas racistas, pois ao contrário das práticas centralizadas pelo poder dominantes, a educação é uma decisão das assembléias. A possibilidade de decidir em assembléias e discutir todos os rumos da educação faz com que as famílias se sintam orgulhosas.

²⁰ Tradução do espanhol para o português realizado por Antonio Julio de Menezes Neto.

²¹ Tradução do espanhol para o português realizado por Antonio Julio de Menezes Neto

Esta possibilidade de autogoverno e da democracia direta, vindo da tradição indígena e camponesa, é respaldada pelo sistema jurídico mexicano e internacional, que reconhece a auto-organização popular, criando uma rede de autogovernos. Assim, diz BARONNET (2010, p.252) estes autogovernos:

Transformam-se numa relação de solidariedade mútua entre localidades afins em verdadeiras redes de governos municipais autônomos que, por sua vez se articulam em redes de governo que abarcam zonas e regiões mais amplas, nas quais não são profissionais da política que governam, mas sim camponeses indígenas em constante formação e rotatividade.

Possuindo esta autonomia, as escolas não possuem planos de estudos homogêneos e nem temas rígidos. A própria avaliação dos docentes é realizada de forma diferenciada de uma comunidade a outra.

Os professores, escolhidos em assembléia, possuem as mesmas condições sociais e econômicas das demais membros. Diferenciam-se por participarem dos órgãos de decisões, inclusive militar. Aliás, a formação militar em campos clandestinos na selva, no EZLN, é considerado um fator de aprendizagem importante para os professores. Estes professores são, em geral, jovens na casa dos anos de idade. Possuem apoio material e alimentar de suas famílias e das comunidades. Conforme decisão das assembléias, o salário pago aos professores é em forma de milho, base da alimentação e economia zapatista. Assim, a cobertura das necessidades materiais dos professores é mínima e o prestígio coletivo é valorizado para que estes promotores possam ocupar cargos mais prestigiados posteriormente. Ou seja, a recompensa está mais no plano simbólico do que material. As exigências para exercer a docência são mínimas, pois o educador zapatista deve saber ler e escrever, ter conhecimentos de matemática e domínio das línguas faladas na comunidade, além do espanhol. Deve também se dispor a participar das instâncias do autogoverno local e deve ser ressaltado que este educador continua com suas funções de trabalho como camponês. Esta prática não deixa de ser questionada pelas organizações de professores, visto que os direitos conquistados pelos movimentos sindicais, com muita luta, não são respeitados nestas comunidades.

Conclusão

O EZLN, enraizado nas lutas políticas mexicanas como o “Zapatismo”, foi decorrente de possibilidades objetivas, como os problemas causados pela integração econômica do México com o Canadá e os EUA, no acordo chamado de NAFTA, e subjetivas, onde guerrilheiros marxistas e camponeses/indígenas, espoliados economicamente e culturalmente rebaixados, foram à luta quando as condições pareciam muito adversas.

Destas lutas surgiram lutas inovadoras no campo do socialismo, que advinham das teorias diversas e da vida prática dos camponeses/indígenas. Criaram e recriaram novas formas de lutas sociais, desafiaram o poder dominante e recusaram-se a aceitar a submissão. Foram e são lutas difíceis mas que, para muitos de forma surpreendente, ganharam a adesão de amplos setores sociais no México, inclusive de setores urbanos, e se tornaram uma referência de resistência ao capitalismo.

Uma das maiores inovações foi a autonomia de suas ações frente ao governo mexicano. Recusam, inclusive as bolsas dadas aos pobres, que vem se tornando uma das maiores políticas sociais de governos de centro-esquerda, ou liberais-sociais, da América Latina. Claro que esta recusa não é feita com facilidades. As bases do Zapatismo são muito pobres e, assim, muitos aceitam as bolsas.

No campo educativo escolar, o Zapatismo também apresenta um projeto autônomo em relação ao “ensino oficial” do México. São autônomos para contratar seus professores, as decisões escolares são debatidas em assembléias. Claro, também, que estas escolas possuem muitos problemas e mesmo questionamentos.

A principal questão seria: não seria o governo mexicano o responsável em manter economicamente as escolas? As bolsas que são oferecidas não deveriam ser usadas pelos setores empobrecidos, na disputa pelo fundo público, ou na mais-valia social?

De forma autônoma, os Zapatistas fizeram as suas escolhas. Defendem a “outra política”. Não aceitam estas, que seria capitalista, neoliberal, excludente, racista. Defendem a “outra escola”. Somente o tempo dirá do acerto ou não destas decisões.

BIBLIOGRAFIA

ARELLANO, Alejandro B. As raízes do fenômeno zapatista. São Paulo: Alfarrábio, 2002.

ARELLANO, Alejandro B. e OLIVEIRA, Umbelino A. Chiapas: Construindo a esperança. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

BARONNET, Bruno. Zapatismo y educación autônoma: de La rebelión a La dignidad indígena. In: Sociedade e Cultura, Goiânia: , V.13, n.2, p. 247-258, jul./dez. 2010.

BRANCALEONE, Cássio. Os zapatistas e o significado da experiência de autogoverno indígena e camponesa no México contemporâneo, http://api.ning.com/files/JBQFk69Zn3WOpCPpXuXBPnLy*iTyAW0yeAu0DvX7pdsy7IgkUh3yirvARRgKtZtGbT18OBiP1INvPUPDCl-ESBy2GwqTfTcM/zapatistas.pdf

BUSTOS, R., MEDINA, R. e LOZA, Marco A. Revolução mexicana. São Paulo: Expressão popular, 2008.

- EZLN. *Demandas políticas, económicas e culturales*. Divulgado através da página virtual do EZLN.
- FIGUEIREDO, Guilherme Gitahy. *A Guerra é o Espetáculo*. Campinas, Unicamp, 2003.
- FZLN. *Fuerte es su corazón – Los municipios rebeldes zapatistas*. Ed. FZLN, 1998.
- GENNARI, Emilio. *Chiapas: as comunidades zapatistas reescrevem a história*. Rio de Janeiro, Achiamé, 2002.
- GENNARI, Emilio. *EZLN: passos de uma rebeldia*. São Paulo: Expressão Popular, 2005.
- MENEZES NETO, Antonio Julio. *Mariátegui e a fé na educação socialista*. Florianópolis, EBEM 2011, (ANAIS), 2011
- OLIVEIRA, Umbelino A. *A questão agrária no Brasil: não reforma e contrarreforma agrária no governo Lula*. In: *Os anos Lula: contribuições para um balanço crítico*. Rio de Janeiro, Garamond, p.287-328, 2010.
- ORTIZ, P., BRIGE, M.e FERRARI, R. *Zapatistas*, Brasília: Entrelivros, 2007.
- PEDROSA, José Geraldo. *O capital e a natureza no pensamento crítico*. In: Loureiro, Carlos F. *A questão ambiental no pensamento crítico*. Rio de Janeiro: Quartet, 2007.
- PRADO, Adônia. *O Zapatismo na Revolução Mexicana: uma leitura da Revolução Agrária do Sul*, in: *Estudos, Sociedade e Agricultura*. <http://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/ar/libros/brasil/cpda/estudos/vinte/adonia20.htm> Acessado em 04/07/2011.
- RIVAS, Gilberto López y. *Antropologia, etnomarxismo y compromiso social de los antropólogos*. México: Ocean Sur, 2010.
- SANTOS, Juliana. *O movimento zapatista e a educação: direitos humanos, igualdade, diferenças*. São Paulo: FEUSP, 2008 (dissertação de mestrado).